

**12 ATELIER INTERNACIONAL DO MINOM  
MUSEUS E SOCIEDADE - “AGARRAR A MUDANÇA”  
- QUE ACÇÃO?  
- QUE PENSAMENTO COMUM?**

**ARTIGO**

**O NOVO MUSEU DAS GENTES BRASILEIRAS : criação , reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários**

**Por Odalice Priosti e Hugues de Varine**

**Av. Felipe Cardoso, 1533 – Santa Cruz – Rio de Janeiro – RJ – CEP 23520-570**

**[odalice@openlink.com.br](mailto:odalice@openlink.com.br)**

**[hdevarine@interactions-online.com](mailto:hdevarine@interactions-online.com)**

**Tel. (21) xx 3395 00 66**

**O NOVO MUSEU DAS GENTES BRASILEIRAS : criação , reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários**

**Por Odalice Miranda Priosti e Hugues de Varine**

*Odalice Miranda Priosti, professora e museóloga, doutoranda em Memória Social no PPGMS da UNIRIO, membro do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro desde 1992, coordena os Estudos e Projetos do NOPH – Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica, no Rio de Janeiro. Recentes atuações : Conselho Gestor do Sistema Brasileiro de Museus, ABREMC – Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários.*

*Hugues de Varine é cunhador do termo e do conceito de ecomuseu com George-Henri Rivière , ex-Presidente do ICOM, membro fundador do MINOM-Movimento Interacional. Para uma Nova Museologia e consultor internacional em Comunidades, Patrimônio e Desenvolvimento.*

## **RESUMO ( 10 linhas)**

Abordam-se questões teóricas e práticas inerentes aos processos museológicos de claro perfil comunitário, onde os museus podem ser entendidos como criações autênticas de comunidades, no seu trabalho de construção e sustentação de sua memória social. No contexto do panorama diversificado das museologias sociais , comunitárias, territoriais e ecomuseologia na contemporaneidade, propõe-se a profissionalização de responsáveis por museus locais, ecomuseus e museus comunitários pela oferta de capacitação em cursos ou oficinas e a inclusão gradativa da Museologia Comunitária nas graduações, especializações e cursos de extensão , apostando no jogo da formação e da qualificação das comunidades que desejam gerir seus museus e assim “ agarrar a mudança”.

**PALAVRAS-CHAVE : ecomuseu - museu comunitário - mudança - sustentabilidade - desenvolvimento – profissionalização**

**O NOVO MUSEU DAS GENTES BRASILEIRAS : criação , reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários**

A trajetória do novo museu como processo comunitário comporta fontes inesgotáveis de discussões em torno da criação: da invenção à imitação, à produção de nova moda ou costume, a vida se reconcilia com o homem e com seu tempo , enquanto o museu processo transita na sala de espera , aguardando sua hora e vez. A memória, anfitriã do devir, pacientemente dialoga com a comunidade, interroga-lhe as necessidades e compara as evidências desse museu processo, seus antecedentes, sua potência de invenção e de ação.

Ratifica-se a necessidade da constatação, através de exemplos convincentes, os movimentos museológicos que despontam há cerca de três décadas. Acompanhando-os com interesse , observam-se as inusitadas formas de criação usadas pelas sociedades para gestar e processar um museu que se incorpora à vida, que integra suas ações cotidianas. Formas criativas de museus inflamam a chama inventiva e novas formas de produção de memória reagem , afirmando seu invento , pois “ o museu normal, qualquer que seja sua definição, é feito com as coisas; o museu comunitário é feito com as pessoas” ( Varine:2005).

Dar liberdade e cidadania a quem precisa ou não de tratamento psiquiátrico é escolha e decisão política. Valorizar sua expressão artística é afirmar subjetividades e integrá-las à comunidade , destruindo o ciclo pernicioso da exclusão e estigmatização. Assim, o Museu Bispo do Rosário, no Rio de Janeiro, em antigas dependências de um manicômio, levanta a questão do museu para esquecer e não para lembrar; a transposição do imaterial para o material fala de um tempo a-histórico, onde não há o que lembrar e muito para esquecer.

A única possibilidade de humanização aos que não sentem de modo histórico é a possibilidade de criar, de ser sujeitos ainda que a-historicamente e assim se impor como cidadãos, transformando seres a-históricos em artistas.

De outra forma, os membros de uma comunidade desfavorecida, vivem discretos nas encostas da serra, mas cientes de seu passado histórico, nas minas da antiga Ouro Podre que originou a Vila Rica. Sob suas casas simples e ao seu redor corre o clamor dos escravos mineiros que construíram Ouro Preto, Patrimônio da Humanidade. Estes cidadãos afirmam sua diferença, sua singularidade e criam um fórum de idéias sobre o tipo de museu que querem fazer para guardar as memórias arqueológicas das entranhas de sua terra e a dos descendentes negros. O Ecomuseu da Serra de Ouro Preto faz seu caminho.

Da Bahia vem a notícia de membros de um terreiro de candomblé, dando o seu salto ao criar um museu comunitário que valoriza a singularidade de musealizar os rituais e atividades de uma fé ainda considerada clandestina, dando à luz ao Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão. Em Santa Cruz, no Rio de Janeiro, membros ativos do NOPH e do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro afirmam sua diferença e seu modo de produção de subjetividade há 23 anos, buscando sempre seu espaço de liberdade, autonomia, resistência, criação e desenvolvimento, através da memória e do patrimônio. Por sua vez, onze municípios de Goiás se unem em torno da preocupação com o bioma do Cerrado e com a sustentabilidade da cultura viva de sua população, criando o Ecomuseu do Cerrado e no Pará, norte amazônico, as comunidades das ilhas e das populações ribeirinhas se mobilizam para a implantação do Ecomuseu da Amazônia.

O Brasil e seu território continental é, como disse Georges-Henri Rivière, cunhador com Hugues de Varine do conceito de ecomuseu, um celeiro de ecomuseus, e se poderia acrescentar, de criações museológicas populares ou comunitárias. Não pôde escapar da imposição do modelo do colonizador, nem da repetição cíclica ao longo de seus cinco séculos de interação nem sempre pacífica, mas sobretudo passiva e resignada. Mas pode dar o salto, aprendendo, com as próprias criações das comunidades, a fazer um museu livre das imitações que não atendem às suas verdadeiras necessidades culturais. A América Latina, que abriu as portas do pensamento humano nessa área do conhecimento, com as intervenções da Mesa de Santiago do Chile, em 1972, em cujo plasma e capilaridades se percebem os princípios filosóficos de educação libertadora de Paulo Freire, vislumbrou essa possibilidade. Necessita agora espelhar-se em si mesma, aprender com suas culturas vivas, com as experiências de suas populações e criar o novo museu para si mesma. Diremos, então, com Hugues de Varine, em sua conclusão no texto “O museu comunitário é herético?”, 2005 :

*( ... )” Deixemos evoluir o termo , cujos avatares sucessivos , de toda maneira , têm pouco a ver com o Museion de Alexandria e admitamos que ele possa ter formas diferentes, em função de objetivos igualmente diferentes.*

*Porém, prossigamos o debate entre pessoas de boa vontade e continuemos a observar o que se passa nas comunidades e a tirar disso os ensinamentos.”*

O conceito de museologia da libertação, trazido à discussão no III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, em setembro/2004, em Santa Cruz, Rio de Janeiro, por extensão dos princípios da teologia latinoamericana da libertação por um lado e por referência à educação como prática da liberdade ( Paulo Freire) numa abordagem, claramente política no sentido mais nobre da palavra, utiliza o museu e a educação para fazer reconhecer, valorizar o seu patrimônio , potencializa nos membros da comunidade a autonomia e a iniciativa, prepara-os para uma participação dinâmica no desenvolvimento de seu espaço de vida e em geral na vida pública, contemplando toda a comunidade com a reivindicação de novas políticas públicas que promovam a inclusão dos esbulhados em seus direitos culturais ou os humilhados pelo esquecimento ou pelo menosprezo de sua cultura viva.

Após períodos de tédio e estagnação pela saturação histórica, **o museu do ser** alia-se à criação de uma **memória do futuro** e se antecipa à degeneração e à alienação do ter e do saber, tal a inutilidade de uma história separada da vida.

### **MUSEOLOGIA POPULAR ou COMUNITÁRIA : proposta de profissionalização dos responsáveis pelos museus locais e comunitários**

No sentido de sinalizar os pontos vitais dos museus locais e comunitários, apresenta-se, como uma das maiores dificuldades, a própria sustentabilidade do processo museológico, tanto por reduzidos recursos financeiros quanto humanos.

Após mais de 20 anos de ação sócio- cultural ecomuseológica iniciada pelo NOPH e continuada na forma do Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, constata-se que o problema da profissionalização continua questionando a qualidade dos serviços prestados por esse museu . Entretanto, esse não é um privilégio da museologia brasileira ou da museologia latinoamericana. Em nosso périplo como participantes, observadores e incentivadores de movimentos museológicos locais e comunitários, confirmamos que isso acontece em toda parte e se torna cada vez mais grave, em seqüência ao surgimento cada vez maior de pequenos museus de iniciativa local , ainda que bem poucos sejam de fato comunitários, segundo nossas definições, mas todos desprovidos de meios e de pessoal academicamente formado.

Naturalmente, tudo é conseqüência da própria história do surgimento dos museus , idéia concebida e ampliada a partir do gabinete de curiosidades, onde as elites do ter e do saber selecionavam e expunham objetos em função de sua raridade, história, beleza, excentricidade ou valor pecuniário. O conceito importado de museu como instituição criada para guardar/entesourar

coleções ampliou seu poder de abrangência , mas na essência continua o mesmo : é a salvaguarda e a comunicação de coleções de objetos retirados do seu contexto social , desfuncionalizados, e apresentados em nova função, segundo o olhar de técnicos ou detentores do poder que a eles dão sua própria interpretação.

Com a intervenção do ICOM – Conselho Internacional de Museus, a propagação dos ensinamentos universitários de museologia se intensificou e alguns países como a França criaram sistemas de concurso e grades na função pública muito distantes das reais necessidades e competência dos museus, de modo que é possível que um historiador dirija um museu de ciências , pois o único requisito para a função é ser qualificado como « conservador » de museu...

Aos museus de arte, de história e de ciências se ligou o que Georges- Henri Rivière chamava « disciplinas de base » , disciplinas universitárias. Da mesma forma , a museologia e a museografia foram acrescentadas como um complemento profissionalizante. Paralelamente, a corporação ( no sentido de grêmio ) dos museus delas se valeu para se proteger dos « amadores ».

No Brasil, onde as Escolas e Cursos de formação universitária em Museologia não contemplam nem de longe o que seria a demanda num país com extensões continentais, é comum encontrarmos arquitetos, antropólogos, professores e artistas dirigindo museus de História, Artes e Ciências. Estendendo-se à América Latina, essa constatação foi confirmada no Fórum Brasileiro de Museus, em dezembro de 2004, em Salvador, pela Licenciada Georgina de Carli, representante do ILAM – Instituto Latinoamericano de Museus ( Costa-Rica ) ao ser indagada sobre a presença de museólogos nos museus cadastrados . Segundo ela, menos de 10% dos museus possuem um museólogo em sua equipe .

Nessa trajetória, como um museu nascido das necessidades culturais e da vontade de sua comunidade, o Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, designado oficialmente Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro, escapou à regra geral e foi reconhecido pela própria comunidade como seu museu e como um ecomuseu fugiu à regra geral e se deixou gerir por membros da comunidade, onde o requisito essencial foi quase sempre o desejo de participar e onde a ausência de uma formação profissional não foi empecilho para a responsabilização pelo patrimônio ou para a participação no processo museológico.

Outras comunidades no Brasil também têm demonstrado sua vocação para a patrimonialização, para a apropriação do patrimônio e para o seu cuidado, buscando por esse fio museológico um processo de desenvolvimento local. Quarta Colônia em Santa Maria , no RS, o Ecomuseu do Cerrado, em Goiás, os museus comunitários do Rio Grande do Sul (Museu Comunitário dos Trabalhadores da Limpeza Urbana – Porto Alegre), da Bahia (Museu Didático-comunitário de Itapoan) e outras experiências mais recentes que gestam futuros ecomuseus urbanos estão aí para documentar o potencial museológico de suas comunidades. Nem sempre isso se deu na forma de um museu, mas de um movimento comunitário ou de um processo que sequer adotou essa terminologia. Muitas vezes, o processo iniciou-se sem uma ordem lógica, com ou sem o aval

de um profissional , mas inegavelmente marcado por gente da comunidade que, reunida e coesa na sua vontade, quis ter o seu museu ou tomar em suas mãos o processo da mudança.

Se o museu foi, na sua gênese, uma instituição criada para dar a conhecer e proteger o que seria mais tarde entendido como patrimônio, ainda hoje esses processos comunitários também mantêm esse escopo, no DNA das suas ações, cuidando e comunicando ainda mais abrangentemente o que querem e entendem como patrimônio: não só coleções musealisáveis , mas, e prioritariamente, o patrimônio das relações cotidianas, a própria dinâmica da vida humana em interação com outras formas de vida , a diversidade cultural, a biodiversidade , ou seja, o patrimônio da biosfera que abriga todas essas relações. Do espaço de vida de um lar, ao quintal de uma família, ao quarteirão de uma vizinhança, ao espaço histórico do campo e da urbe, do estado , da nação, do continente, da Terra... tal é a vocação frustrada dos seres para a duração, para um tempo incomensurável.

E os membros da comunidade que se descobriu num processo ecomuseológico, onde a prioridade é a interpretação do patrimônio como integrador e fortalecedor da comunidade de Santa Cruz e seu uso para o desenvolvimento, indagam : que fazer com o acervo documental acumulado com as doações espontâneas de membros da comunidade que vêm naquele núcleo de pesquisa a possibilidade de guardar bens patrimoniais de suas famílias, disponibilizá-los para o conhecimento e a pesquisa ? Devolvê-los aos proprietários e assim limitar sua comunicação a alguns membros mais sensíveis das famílias ou de alguma forma cuidar deles , para que possam compor com outros o patrimônio comum de uma comunidade inteira , compartilhando-o nos movimentos desse museu ?

Tendenciosismos à parte, o « amadorismo » no caso do museu comunitário muitas vezes traduz apenas a falta de acesso de membros das comunidades menos favorecidas ao conhecimento acadêmico e à linguagem própria dos museus, o que é compensado largamente pela vontade de participar e pelo compromisso com a saúde e a comunicação do patrimônio. Pode ser que esse amadorismo revele também a falta de recursos adequados para a preservação desses bens, pois nem sempre a forma de guardar e acondicionar os documentos se aproxima das técnicas e métodos ensinadas na universidade, por desconhecimento ou por falta de meios.

No caso de Santa Cruz, a confiança depositada pelos membros da comunidade na guarda dos bens pelo NOPH e agora pelo ecomuseu não pode ser traída e por isso pessoas comuns se fizeram museólogos, sem o rigor das disciplinas universitárias, mas buscando ser por elas amparadas em suas iniciativas cidadãs de responsabilização pelo patrimônio .

Que fazer ? Cremos que é preciso apostar no jogo da formação e da qualificação, mas inventando uma nova « disciplina » de museologia popular ou comunitária, fazendo com que ela seja reconhecida pelas instâncias internacionais e regionais, justificada e amparada pelo MINOM – Movimento Internacional da Nova Museologia. Isso significaria vários princípios :

- a formação teórica e técnica seria reservada a pessoas que já possuem uma experiência de museografia local aplicada, qualquer que seja sua formação anterior ;

- a formação seria dada em alternância , ancorada na prática de terreno, parte integrante do curso ;
- a formação compreenderia períodos de estágio em outros locais para estender a experiência e compreender o caráter único de cada projeto ;
- haveria uma hierarquia de diplomas para incitar e permitir uma promoção profissional e eventualmente uma especialização ( conservação, inventário, mediação etc..) ao longo da vida ;
- o conteúdo do programa de formação privilegiaria o perfil médio das pessoas a formar , ou seja, seria adaptado aos voluntários, aos profissionais dedicados muito tempo a uma outra atividade ( professores... ), experiências profissionais anteriores etc...
- o programa compreenderia matérias muito diferentes da museologia/museografia clássica : ação comunitária, pedagogia, desenvolvimento local, ecologia natural e humana, sociologia, psicologia entre outras;
- o requisito /documento indispensável à validação de cada nível de formação deveria ser a formulação, a discussão e a realização de um projeto concreto novo ( uma exposição, um trabalho de inventário, um museu, uma antena, uma ação comunitária pretexto etc), sobretudo nunca um trabalho classicamente universitário ;
- cada pessoa formada seria acompanhada de um tutor , mais experiente e voluntário para essa responsabilidade ( noção de solidariedade profissional).

Esse programa de formação deveria ser apresentado pelo departamento de extensão ou de educação de adultos de uma grande universidade que daria a legitimidade indispensável aos diplomas.

A escolha de uma « disciplina » de museologia popular e comunitária , geralmente pobre em meios e militante, preveria também a criação de pólos de recursos técnicos compostos de especialistas altamente qualificados ( pesquisa, conservação, coleta, exposição, mediação, comunicação , gestão, domínios científicos ), aos quais os museus locais poderiam se dirigir para ter acesso às competências mais específicas. Isso poderia ser, no Brasil , uma proposta a ser submetida ao novo Sistema Brasileiro de Museus.(...)

Embora possa parecer muito utópico, esse é certamente um tema muito urgente e necessário no alvorecer de uma « museologia para todos » como todos nós queremos na forma de um projeto ousado de inclusão dos pequenos museus locais e comunitários, geridos pela sua própria gente . Por que não ?

Odalice Priosti \* e Hugues de Varine \*\*

2006- Ano Nacional dos Museus

\* Membro do Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus pela ABREMC – Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários ; Membro do CA do MINOM ; Membro da Equipe

Dinamizadora do Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz e Coordenadora de Estudos e Projetos do NOPH [www.quarteirao.com.br](http://www.quarteirao.com.br)

\*\* Membro fundador do MINOM ; Consultor Internacional em Comunidades, Patrimônio e Desenvolvimento Local e Comunitário - [www.interactions-online.com](http://www.interactions-online.com)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONDAR, Jô. *Memória, Poder e Resistência*. In: Gondar, Jô e Barrenechea, Miguel Angel de (Orgs.). *Memória e espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003

VARINE, Hugues . “ O museu comunitário é herético? “ *Jornal Quarteirão* - no. 67 - Maio/Junho 2006 . Rio de Janeiro , pp. 12-15 .Disponível em [www.interactions-online.com](http://www.interactions-online.com) – março/abril-2005